

Educar em liberdade

A confiança que se nos demonstra move-nos a agir; e, pelo contrário, paralisa-nos sentir que desconfiam de nós. Por isso, é muito vantajoso ajudar os filhos a administrar a sua liberdade.

23/05/2011

Deus quis criar seres livres, com todas as suas consequências. Como um bom pai, deu-nos a pauta – a lei moral – para que possamos utilizar corretamente a liberdade, ou seja, de forma que reverta para o nosso

próprio bem. A par disso, ***quis correr o risco da nossa liberdade***[1].

De algum modo, pode-se dizer que o Todo-poderoso aceitou submeter os Seus próprios desígnios à aprovação do homem; que ***Deus condescende com a nossa liberdade, com a nossa imperfeição, com as nossas misérias***[2], porque prefere o nosso amor livremente entregue à escravidão de uma marionete; prefere o *aparente* fracasso dos Seus planos a pôr condições à nossa resposta.

São Josemaria cita em *Caminho* umas “palavras” atribuídas a Santa Teresa: “Teresa, Eu quis... Mas os homens não quiseram” [3]. O sacrifício de Cristo na Cruz é a demonstração mais eloquente de até que ponto Deus está disposto a respeitar a liberdade humana; e se Ele chega a esses extremos – pensará um pai

cristão – quem sou eu para não o fazer?

Amar os filhos é amar a sua liberdade. Mas isso também implica *correr um risco*, expor-se à liberdade dos filhos. Unicamente assim o seu crescimento é propriamente *seu*: uma operação vital, imanente, e não um automatismo ou um reflexo condicionado pela coação ou manipulação.

Do mesmo modo que a planta não cresce porque a estique o jardineiro, mas porque torna seu o alimento, o ser humano progride na humanidade na medida em que assume livremente o modelo que inicialmente recebe. Por isso, os ***pais que amam deveras e procuram sinceramente o bem dos seus filhos, depois dos conselhos e das considerações oportunas, devem retirar-se com delicadeza, para que nada prejudique o grande bem***

da liberdade que torna o homem capaz de amar e servir a Deus. Devem lembrar-se de que o próprio Deus quer ser amado e servido com liberdade, e respeita sempre as nossas decisões pessoais[4].

UMA LIBERDADE QUERIDA E RE-QUERIDA

Por isso, querer a liberdade dos filhos está muito longe de uma despreocupada indiferença sobre a forma como a utilizam. A paternidade prolonga na educação o que teve início na geração. Portanto, amar a liberdade dos filhos quer também dizer saber *requerê-la*.

Como Deus faz com o homem *suaviter et fortiter*, os pais hão de saber convidar os filhos a usar as suas capacidades de modo a que cresçam como pessoas de bem. Talvez se apresente uma boa ocasião quando pedem autorização para determinados planos; então, pode ser

oportuno responder que é ele que há-de decidir depois de ponderar todas as circunstâncias do caso, mas que tem de se perguntar se realmente lhe convém ou não o que pede, ajudando-o a distinguir a necessidade do capricho, a perceber que não é justo desperdiçar aquilo que muitos não se podem permitir, etc.

Utilizando um jogo de palavras, podemos imaginar que “requerer” se refere a uma espécie de duplo querer, querer e “re-querer”. Não é possível requerer a liberdade humana se previamente não se querem as suas consequências, se não se assumem e respeitam. Por isso, um autêntico respeito à liberdade há de promover o esforço intelectual e exigências morais que ajudem a pessoa a vencer-se, a superar-se. Esta é a forma de todo o crescimento humano. Por exemplo, os pais têm que pretender que os

filhos, de acordo as suas idades, respeitem certos limites. Algumas vezes pode tornar-se necessário o castigo, aplicando-o com prudência e moderação, dando as razões oportunas e, claro, sem violência.

Dar confiança e animar, com paciência, dá os melhores resultados. ***Mesmo no caso extremo, quando o filho toma uma decisão que os pais têm fortes motivos para julgar errada e até para prever que seja origem de infelicidade, a solução não está na violência mas em compreender e – mais de uma vez – em saber permanecer a seu lado para ajudá-lo a superar as dificuldades e, se fosse necessário, para extrair daquele mal todo o bem possível[5].***

Em qualquer caso, a tarefa formativa consiste em procurar que as pessoas *queiram*; ou seja, em fornecer os

instrumentos intelectuais e morais para que cada um seja capaz de fazer o bem pela sua própria convicção.

SABER CORRIGIR

Respeitar a pessoa e a sua liberdade não significa aceitar como válido tudo o que a pessoa pense ou faça. Os pais devem dialogar com os filhos sobre o que é bom e o que é melhor e, nalguma circunstância, inevitavelmente deverão ter a valentia de corrigir com a energia necessária. Eles, que não só respeitam os filhos mas os amam, não *toleram* um comportamento qualquer.

O amor é o menos tolerante, permissivo ou condescendente que encontramos nas relações humanas, porque, ainda que seja possível amar uma pessoa *com* os seus defeitos, já não é possível amá-la *pelos* seus defeitos. O amor deseja o bem da pessoa, que esta dê o melhor de si,

que alcance a felicidade; e por isso quem ama pretende que o outro lute contra as suas deficiências e sonha com ajudá-lo a corrigi-las.

São sempre mais os elementos positivos de uma pessoa – pelo menos potencialmente – do que os seus defeitos e essas boas qualidades são as que a tornam amável; mas não são as qualidades positivas que se amam, mas as pessoas que as possuem e que as possuem conjuntamente com outras que talvez não o sejam tanto. Uma conduta *correta costuma ser o* resultado de muitas *correções* e estas serão mais eficazes se se fazem com sentido positivo, pondo sobretudo a tónica naquilo que se pode melhorar no futuro.

À luz do que se referiu acima, percebe-se que toda a forma de educar apela para a liberdade das pessoas. Nisso se distingue,

precisamente, educar de domesticar ou instruir. “Educar em liberdade” é um pleonismo, não diz nem mais nem menos do que “educar”.

O VALOR EDUCATIVO DA CONFIANÇA

No entanto, a expressão “educar em liberdade” permite fazer finca-pé na necessidade de formar num clima de confiança. Como foi salientado, as expectativas dos outros em relação ao nosso comportamento funcionam como motivos morais das nossas ações.

A confiança que se nos demonstra move-nos a agir; e pelo contrário paralisa-nos sentir que desconfiam de nós. Isto é patente no caso das pessoas mais jovens ou dos adolescentes, que estão a modelar o seu carácter e valorizam muito o juízo dos outros.

Confiar significa ter fé, dar crédito a alguém, considerá-lo *capaz de verdade*; de manifestá-la ou de guardá-la, conforme os casos, mas também de vivê-la. A confiança que se dá a outro costuma provocar um duplo efeito; de maneira imediata, um sentimento de gratidão, porque se sabe beneficiado por um dom; além disso, a confiança favorece o sentido de responsabilidade.

Quem me pede algo importante espera que lho dê, porque já confia em que o posso dar; tem de mim um elevado conceito. Se essa pessoa confia em mim, sinto-me movido a satisfazer as suas expectativas, a responder com os meus atos. Confiar em alguém é um modo muito profundo de lhe encomendar algo.

Grande parte do que podem fazer os educadores depende de quanto souberam suscitar esta atitude nas pessoas. Em particular os pais devem

ganhar a confiança dos filhos, dando-a eles primeiro. Em certas idades da infância, convém estimular o uso da sua liberdade; por exemplo, pedir-lhes coisas e dar explicações sobre o que é bom e o que é mau. Mas isto careceria de significado se faltasse a confiança, esse mútuo sentimento que ajuda a pessoa a abrir a sua intimidade, sem o que é difícil propor metas e tarefas que contribuam para o crescimento pessoal.

A confiança dá-se, consegue-se, gera-se; não se pode impor, nem exigir. A pessoa torna-se digna de confiança pelo seu exemplo de integridade, *indo na frente* ao dar aquilo que pede aos outros. Assim se adquire a autoridade moral necessária para pedir aos outros; e faz-se notar que educar *em* liberdade torna possível educar *a* liberdade.

EDUCAR A LIBERDADE

A educação bem pode entender-se como uma *habilitação da liberdade* em ordem a perceber o apelo do valioso – daquilo que enriquece e convida a crescer – e a enfrentar as suas exigências práticas. E isso consegue-se propondo usos da liberdade, propondo tarefas plenas de sentido.

Cada idade da vida tem os seus aspetos positivos. Um dos mais nobres que tem a juventude é a facilidade para confiar e responder positivamente à exigência amável. Num tempo relativamente curto podem apreciar-se mudanças notáveis em jovens a quem se confiaram encargos que podiam assumir, e que consideravam importantes: ajudar uma pessoa, colaborar com os pais nalguma função educativa...

Pelo contrário, essa nobreza manifesta-se, de forma pervertida e

frequentemente violenta, contra aqueles que se limitam a satisfazer os seus caprichos. À primeira vista, esta atitude é mais cômoda, mas a longo prazo os custos são muito mais gravosos e, sobretudo, não ajuda a amadurecer, pois não os prepara para a vida.

Quem se acostuma, desde pequeno, a pensar que tudo se resolve de forma automática, sem nenhum esforço ou abnegação, provavelmente não amadurecerá no tempo devido. E quando a vida magoar – coisa que inevitavelmente acontecerá – talvez não tenha conserto. O homem deve modelar o seu caráter, aprender a esperar os resultados de um esforço longo e continuado, a superar a escravidão do imediato.

Certamente, o ambiente hedonista e consumista que hoje respiram muitas famílias no chamado “primeiro mundo” – e também

noutros muitos ambientes de países menos desenvolvidos – não facilita captar o valor da virtude ou a importância de atrasar uma satisfação para obter um bem maior.

Mas face a esta circunstância adversa, o senso comum evidencia a importância do esforço; por exemplo, nos nossos dias tem especial vigor a referência à cultura desportiva, na qual se nota que quem deseja ganhar uma medalha tem de estar disposto a sofrer treinos prolongados e árduos.

Em geral, a pessoa que é capaz de se orientar livremente para bens que realmente “valem a pena” deve estar preparada para enfrentar tarefas de grande envergadura (*aggredi*), e para resistir com tenacidade no empenho quando chega o desalento e aparecem as dificuldades (*sustinere*). Estas duas dimensões da fortaleza fornecem a energia moral para não nos conformarmos com

aquilo que já foi conseguido e continuar a crescer, chegar a ser mais. Hoje é especialmente importante mostrar com eloquência que uma pessoa que dispõe dessa energia moral é *mais livre* do que quem não dispõe dela.

Todos estamos chamados a conseguir essa *liberdade moral*, que só se pode obter com um uso – não um uso qualquer – moralmente bom da liberdade de arbítrio. Constitui um desafio para os educadores, e em particular para os pais, mostrar de modo convincente que o uso autenticamente humano da liberdade não consiste tanto em fazer o que nos apeteça, mas em fazer o bem ***porque queremos mesmo, que é a razão mais sobrenatural***, como costumava dizer S. Josemaria[6].

É esse o caminho para se libertar do clima asfixiante de suspeita e de

coação moral, que impedem procurar pacificamente a verdade e o bem e aderir cordialmente a eles. Não há cegueira maior do que a de quem se deixa levar pelas paixões, pelas “vontades” (ou pela falta delas). Quem só pode aspirar ao que lhe apetece é menos livre do que aquele que pode procurar, não apenas na teoria mas com obras, um bem árduo.

Não há desgraça maior do que a de quem, ambicionando um bem, se surpreende sem forças para o levar a cabo. Porque a liberdade encontra todo o seu sentido ***quando se exercita no serviço da verdade que resgata, quando se gasta em procurar o Amor infinito de Deus, que nos desata de todas as escravidões***[7].

J.M. Barrio

1. S. Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 113.
2. *Ibid.*
3. Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 761.
4. S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 104.
5. *Ibid.*
6. S. Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 17.
7. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27.